



Ficções e Realidades: hibridizações na narrativa da telenovela¹

Larissa Leda F. ROCHA²

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

RESUMO

Este artigo resulta da análise de “Páginas da Vida” (TV Globo, 2006-2007). A novela inovou na inclusão de depoimentos reais na narrativa. A diluição de fronteiras entre o real e o ficcional nos levou a analisar o quanto a hibridez desses âmbitos não causava estranheza, uma vez que as apropriações que o público faz das narrativas naturalmente mistura o que é contado e o que é vivido. Ficção e realidade se articulam numa trama de sentido construída a partir de empréstimos, doações, trocas e posses compartilhadas.

PALAVRAS-CHAVE: novela; ficção; realidade; hibridismo.

TEXTO DO TRABALHO

Trazer a realidade para a novela a levar assuntos da novela para serem discutidos na realidade é uma das maneiras pelas quais podemos identificar a obra do escritor Manoel Carlos. A recorrência a um universo ficcional – e personagens – muitas vezes semelhantes de uma novela para outra faz com que o telespectador tenha já uma noção do que pode esperar quando é anunciada, na Rede Globo, uma nova história do autor. Assim foi com “Páginas da Vida”, que foi ao ar em 10 de julho de 2006, teve 203 capítulos, reprisando o último deles no dia 03 de março de 2007. A personagem Helena estava na trama, como uma mulher corajosa, decidida, ética, mas também uma mulher que sofre, que erra, que trai. Os personagens de Manoel Carlos, aliás, são tão verossímeis quanto possível, a tal ponto do autor dizer que gosta de pensar que cruza com eles pelas ruas do Leblon. O bairro do Leblon, afinal, também estava em “Páginas da Vida”, representando um modo de vida característico da classe média brasileira. Mas, principalmente, estavam na trama duas preocupações declaradas do autor: fazer com que a novela pareça o mais real possível e permitir que ela tenha responsabilidade social.

É inegável a importância cultural, identitária e econômica que tem a novela em toda a América Latina e, mais especificamente, no Brasil. O país criou mesmo um modo

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, email: larissaleda@gmail.com.



brasileiro de se fazer novela que procura equilibrar duas dimensões – uma melodramática – herança do folhetim francês, da radionovela cubana e da *soap-opera* norte-americana que mobiliza as paixões e oralidades desse povo mestiço – e uma realista, que permite às narrativas colocar em debate social e público questões antes restritas à privacidade dos lares, escolas ou igrejas. A novela fala da vida, dos caminhos e arranjos dos modos de estar na América Latina, dos modos de ser brasileiro (MARTÍN-BARBERO, 2001).

Mas, pensar a novela é, acima de tudo, entender que sua narrativa traduz-se num gênero onde podemos ver um intercâmbio permanente entre autores, personagens e telespectadores. Essa troca entre eles se traduz também entre o que é narrado e o que é vivido, entre as peripécias dos personagens e o que se passa no dia-a-dia de quem acompanha as peripécias. Isso nos permite pensar que a narrativa da novela é aberta ao que vem do público, seus desejos, suas reações, suas motivações. Há, aí, uma linha muito tênue e sujeita a permanentes diluições, entre o que é contado e o que é vivido. O ficcional e o real, o narrado e o experimentado, se articulam numa trama de sentido feita de empréstimos, doações, trocas e posses compartilhadas.

Portanto, a separação rígida entre aquilo que pertence ao universo ficcional e o que pertence ao universo real, é uma separação muito menos feita nas apropriações que o público faz das histórias que lhe contam e que eles recontam depois, do que uma necessidade organizativa da própria mídia. As narrativas do cotidiano são feitas com essas diluições entre real e ficcional, não é pois, estranho, apropriar-se do contado e confundi-lo com a vida.

Este trabalho traz uma análise mais detalhada de “Páginas da Vida” e o do que estamos chamando de diluição de fronteiras entre o real e o ficcional. São analisados, principalmente, os depoimentos reais que foram ao ar logo depois da apresentação dos capítulos da novela. Os depoimentos, feitos por pessoas anônimas, relatavam histórias reais de vida bem próximas das peripécias vividas pelos personagens das histórias ficcionais apresentadas, como se as histórias reais representassem uma legitimação das tramas ficcionais e nos lembrasse o tempo todo o quanto as apropriações do público hibridizam esses limites. São analisadas também outras formas de diluição entre o real e o ficcional, como a entrada do real na novela – seja quando um personagem comenta uma notícia real dada pela imprensa, seja quando a gravidez de uma atriz que trabalha na novela é incorporada à história – e a capacidade de agendamento de debate público



que a novela oferece – como a questão ao redor da polêmica das escolas inclusivas para crianças portadoras de necessidades especiais.

Nosso objetivo é mostrar que a conexão do que é contado na novela e o que é vivido no cotidiano – além do papel que a mídia exerce hoje na organização da vida do cidadão comum – dá espaço para que a narrativa da novela dilua as fronteiras entre o que se apresenta como real e o que se mostra ficcional e se aproxime da prática narrativa diária das pessoas que, muito naturalmente, já fazem essa diluição. A necessidade de demarcações rígidas entre um e outro vem mais da televisão, para organizar seu modo de funcionamento, do que dos telespectadores que se acham em meio a essa hibridez de gêneros, mosaico de informações e desmanche de fronteiras.

Ficções e realidades

“Páginas da Vida” não foi a primeira novela apresentada no Brasil que fizesse estudiosos, sociedade e mídia questionarem a diluição das fronteiras entre ficção e realidade. Novelas anteriores, do mesmo autor, e mesmo de outros, foram capazes de trabalhar assuntos de interesse nacional, levantando questões que ultrapassaram o âmbito da narrativa da novela e se espalharam pela sociedade civil, mídia e, até mesmo, pelo poder instituído do país, promovendo doação de medula, aprovação de estatutos e discussões nacionais.

De duas novelas de Manoel Carlos podemos pinçar dois exemplos da mestiçagem entre o real e a ficção. “Laços de Família” (TV Globo, 2000-2001) trouxe o caso da doação de medula óssea. O chamado Efeito Camila, em alusão à personagem interpretada por Carolina Dieckman, fez com que o número de doadores de medula óssea no país crescesse em ritmo acelerado. Camila sofria de leucemia e precisava de um doador compatível para ser operada e ficar curada. “Mulheres Apaixonadas” (TV Globo, 2003) trabalhou diversos assuntos, mas a campanha desenvolvida na novela sobre maus-tratos contra idosos – Dóris (Regianne Alves) dispensava toda sorte de violência contra os próprios avós, Leopoldo (Oswaldo Louzada) e Flora (Carmem Silva) – incentivou a opinião pública a pressionar o Congresso Nacional para a aprovação do projeto de lei que criou o Estatuto do Idoso. O projeto estava parado há cinco anos no Congresso, esperando votação, que foi realizada, com a conseqüente aprovação do Estatuto, durante a exibição da novela.

Benedito Ruy Barbosa tem, em seu currículo, “O Rei do Gado” (TV Globo, 1996-1997). Motter (2003) e Hamburger (2005) debruçaram-se sobre a diluição de



fronteiras entre o real e o ficcional operada em “O Rei do Gado”, e ainda que não seja interesse deste trabalho aprofundar as discussões sobre esta novela, vale apontar algumas questões. Os discursos do senador Caxias (Carlos Vereza) no Congresso Nacional reverberaram no Congresso da vida real, gerando críticas à novela, pois os parlamentares consideraram que estavam sendo representados de forma incorreta. Correto e íntegro, sem ser seduzido pelas artimanhas de poder que permeiam Brasília, o personagem do senador Caxias trouxe para a novela uma dimensão política, já esboçada na aproximação com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). O senador era um político totalmente fora dos padrões imaginados pela opinião pública brasileira, não era um personagem verossímil, mas foi justamente este personagem – afastado do imaginário do público como representante legítimo de um senador da república no Brasil – que funcionou como uma das pontes mais interessantes para que se conectasse o real e o ficcional.

Seus discursos vazios no Senado, sua sensibilidade a questões como justiça social, reforma agrária, ética e liberdade e, finalmente, sua morte mexeram com os ânimos de quem se sentia representado incorretamente. Em uma cena marcante da novela, o senador Caxias faz um discurso emocionado sobre os sem-terra diante de um plenário vazio, a própria metáfora do desinteresse do país e, principalmente, de seus representantes legítimos, diante da questão, àquela altura já explosiva, dos conflitos no campo. Vale lembrar que a novela foi ao ar dois meses após o país e o mundo assistirem chocados ao evento que ficou conhecido na imprensa como Massacre de Eldorado dos Carajás³.

No dia seguinte à exibição do capítulo o senador Ney Suassuna subiu à tribuna do Senado protestando contra a irrealidade da cena em que a casa é apresentada na novela, ampliando a discussão até a réplica do senador Eduardo Suplicy. Em seu pronunciamento, Suassuna defendeu o Congresso de uma imagem desfavorável produzida por um produto ficcional, por uma novela, não uma imagem desenhada por um produto jornalístico, logo, dotado de credibilidade. Reclamou da “distorção da

³ O Massacre de Eldorado dos Carajás aconteceu em 17 de abril de 1996, na cidade de Eldorado dos Carajás, no sul do Pará. O confronto se deu quando 1.500 trabalhadores sem-terra que estavam acampados na região resolveram fazer uma marcha em protesto contra a demora nas desapropriações de terras. Organizada pelo MST, a marcha sofreu reação violenta da Polícia Militar, encarregada de retirá-los do local, já que obstruíam uma rodovia que liga Belém, a capital do estado, ao sul do Pará. O resultado foi a morte de 19 trabalhadores sem-terra. As cenas, de impressionante violência, foram gravadas por uma equipe de TV e correram o Brasil e o mundo, chamando atenção à violência que permeia as relações no campo. Uma semana depois do massacre, o Governo Federal confirmou a criação do Ministério da Reforma Agrária que, atualmente, no governo de Luis Inácio Lula da Silva, responde pelo nome de Ministério do Desenvolvimento Agrário.



realidade” promovida pelo folhetim que levava a população a crer que não havia senadores honestos no Brasil, apostando mesmo na intenção deliberada de atingir o Senado, com uma imagem desgastada diante de sucessivas denúncias de fraude e corrupção.

É a realidade do Congresso afetada pela ficção que entra na pauta das discussões: o senado ficcional, sem ouvintes, entra nos anais do Congresso real. Com seu discurso ainda ressoando nos ouvidos das bases dos políticos reais, constrange-os a reorientar sua postura (MOTTER, 2003, p. 144).

Na réplica, o senador Suplicy defende a verossimilhança da cena protagonizada pelo ator Carlos Vereza, confirmando não apenas a baixa frequência dos senadores às sessões da casa, mas também afirmando a legitimidade do discurso do senador Caxias ao atingir certeira a questão da reforma agrária. A novela não apenas entrou no Congresso Nacional, mas virou pauta e ficou registrada nos Anais da casa. O Congresso manifestou através de uma de suas casas, o Senado, sua preocupação com a novela e o reconhecimento da importância da narrativa.

Em “O Rei do Gado”, o senador Caxias defendia os interesses do MST e procurava convencer seus líderes a alcançar conquistas por meio do diálogo e da discussão política, ao invés de pegar em armas. No entanto, acabou sendo morto durante uma invasão de terras organizada pelo MST. Ao velório do personagem compareceram os deputados, na vida real, Eduardo Suplicy e Benedita da Silva. Dito de outra forma: no velório do senador Caxias (ficcional), estiveram presentes os congressistas (reais) Eduardo Suplicy e Benedita da Silva, interpretando a si próprios. Ambos os políticos fizeram discursos sobre a situação dos trabalhadores sem-terra e pediram paz no campo e reforma agrária. Poucas semanas após a morte do personagem é o senador Darcy Ribeiro quem morre, vítima de câncer. O senador havia dedicado duas de suas colunas no jornal Folha de S. Paulo ao senador Caxias, que, na novela, homenageou, num discurso para um senado vazio, o senador Ribeiro. A morte do personagem foi lembrada na imprensa – pelo próprio senador Ribeiro em uma de suas colunas – e por ocasião da morte do senador Darcy Ribeiro. Difícil seria não comparar, de certa maneira, as trajetórias de conduta moral e política de ambos, tão próximas uma da outra. Afinal, quais as fronteiras? O que significa esta situação com dois congressistas, eleitos por voto popular, participarem do velório de um personagem de novela, representando a si próprios? Estavam, afinal, representando? Não estavam simplesmente ali? Sendo reais?



É o trabalho de Glória Perez em “De Corpo e Alma” (TV Globo, 1992-1993) que nos traz um caso único a ser observado. Hamburger, que analisou a novela, nos diz que “a especulação sobre quando e onde fatos da vida real atingem a narrativa ficcional tornou-se um tema relevante na discussão pública (...). A novela ganhou as primeiras páginas, as seções editoriais dos jornais diários e a atenção de parlamentares e juristas” (HAMBURGER, 2005, p. 10). Durante a exibição da trama o país assistiu chocado ao assassinato da atriz Daniella Perez – filha da autora Glória Perez – que representava a bailarina Yasmin na novela. A atriz foi assassinada pelo ator e seu par romântico na trama, Guilherme de Pádua (Bira), e sua esposa, grávida na ocasião, Paula Tomaz.

O crime chocou a opinião pública, imprensa e o meio artístico. A autora, diante da dor pela morte da filha, continuou a escrever a novela até o final. Uma das causas da tragédia apontada, devido aos elementos que vieram a público, foi a possível mistura entre ficção e realidade que se tornou um dos principais temas de discussão pública. O assassinato, que aconteceu algumas horas depois de ser gravada a cena na qual Yasmin rompe o namoro com Bira devido ao excessivo ciúme e controle do namorado, tomou conta da imprensa e detalhes do crime tornaram-se públicos. Atores que trabalhavam com Daniella e Guilherme se ofereceram para prestar depoimento, vários artistas mostraram solidariedade à mãe da atriz e à família, comparecendo em massa ao velório, enterro e missa de sétimo dia da atriz. As imagens dos artistas, indo à delegacia ou comparecendo aos ritos fúnebres, estamparam revistas e jornais e programas de televisão. A polícia trabalhou sob forte pressão da mídia e do público, chegando, inclusive a soltar Guilherme num primeiro momento e prendendo-o novamente devido à pressão. A justiça condenou os acusados à punição máxima permitida pelo Código Penal.

Depois do crime, Guilherme de Pádua, imediatamente, passou a ser unanimemente considerado um ator ruim e uma criatura de alma violenta e os atores da novela, bem como produtores e diretores, ficaram chocados de haver, entre eles, um assassino. O elenco de “De Corpo e Alma” se recusava até a tocar no nome do personagem Bira, como se, fazendo isso, fosse capaz de fazer justiça no universo onde são donos absolutos: o domínio diegético da narrativa⁴. Bira estava sendo punido pelas

⁴ Hamburger (2005) explica que o domínio diegético da narrativa está relacionado ao universo ficcional habitado pelos personagens. Os elementos extradiegéticos, ou não-diegéticos, são aqueles que funcionam para ambientar e orientar o telespectador, mas não constituem o mundo da narrativa. Como exemplo podemos citar a música produzida pela caixinha de música que o fantasma de Nanda (Fernanda Vasconcelos), em “Páginas da Vida”, faz tocar de um brinquedo no quarto do filho, Francisco (Gabriel Kauffman). A música da caixinha é um elemento diegético, faz parte do universo ficcional. No entanto, a música de suspense que toca todas as vezes que Marta (Lília Cabral)



ações de Guilherme, enquanto Yasmin era valorizada e homenageada no lugar de Daniella. Ao final do primeiro capítulo sem Daniela Perez, atores e o diretor Fábio Sabag prestaram uma homenagem com depoimentos gravados e a história prosseguiu. A ausência de Yasmin foi justificada por uma viagem de estudos e a personagem seguiu sendo lembrada até o final da novela por meio de *flashbacks*. Já o personagem Bira simplesmente parou de existir, sem qualquer explicação narrativa. A partir do crime, a novela, centrada inicialmente na questão do transplante e doação de órgãos, também passou a fazer críticas à morosidade da Justiça e a inadequação do Código Penal⁵.

Os depoimentos de “Páginas da Vida”

“Páginas da Vida” seguiu um tipo de organização narrativa das histórias principal e paralelas que o autor passou a exercer antes, com mais intensidade a partir de “Mulheres Apaixonadas” (Rede Globo, 2003). Usando um grande número de personagens, a novela foi organizada em grandes núcleos e com muitas histórias paralelas que, dependendo do andamento da trama, iam sendo evidenciadas em detrimento de outras. Cada pequena história paralela vivia um “clímax” depois era abandonada um pouco, enquanto outra se desenvolvia. Ao mesmo tempo a vida de Helena continuava se desenrolando, dando continuidade à história central. Muitas tramas exigem também muitos personagens, já que como diz o próprio autor, “a vida é composta de muita gente”. O elenco principal era formado por 89 personagens adultos e oito personagens infantis. As participações especiais somaram 14 personagens e a segunda fase da novela adicionou mais 26 personagens à trama. A novela era centrada na história da médica Helena (Regina Duarte) e uma decisão que muda sua vida: a adoção de Clara (Joana Morcazel), um bebê portador da Síndrome de Down.

A organização narrativa de “Páginas da Vida” permitiu que a naturalidade da diluição entre o real e o ficcional aparecesse de maneira ainda mais clara. A novela experimentou uma novidade: a inclusão de depoimentos reais – de pessoas anônimas – bem próximos das situações vividas pelos personagens da trama, ao final da exibição dos capítulos. O formato foi repetido recentemente, na novela “Viver a Vida” (Rede Globo, 2009-2010). O autor, Manoel Carlos, manteve sua extrema preocupação com a

imagina que a filha Nanda está presente é extradiagético, não faz parte do universo ficcional da novela, já que nesse universo ficcional essa música de suspense não é, de fato, executada. Apenas o telespectador a ouve, Marta não a ouve.

⁵ Sobre o caso Daniella Perez, verificar SEIFERT, Priscila. **Tribunais paralelos**: imprensa e poder judiciário no caso Daniella Perez. 2004. 184f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Niterói.



verossimilhança e o tratamento de questões sociais. Ambos os aspectos são, declaradamente, preocupações do autor, que já as mencionou em diversas entrevistas. “A novela tem a finalidade de instruir, de abrir os olhos das pessoas, mas sem ser chata” (Folha Online, 2006). Sobre a questão da verossimilhança nas suas narrativas é enfático:

Procuro fazer uma ficção não delirante. (...) O que me ocupou sempre foi uma ficção realista ou próxima disso. Escolho um grupo de pessoas e começo a escrever sobre como elas vivem, o que sonham, o que conseguem. Faço ficção, mas tenho compromisso com o verossímil (Folha Online, 2006).

A narrativa realista de Manoel Carlos aparece como uma marca do autor, como uma ferramenta de identidade da obra. Construindo uma narrativa com matriz claramente melodramática, se aproxima da crônica ao trazer para dentro da novela elementos que permeiam o cotidiano do universo que o autor costuma reproduzir em suas novelas, o bairro do Leblon, na Zona Sul carioca. “Páginas da Vida” repete esse ambiente narrativo escolhido pelo autor em suas novelas e traz, na história, diversos elementos presentes na vida das pessoas comuns, como o homossexualismo, alcoolismo, preconceito racial, preconceito social contra portadores de deficiências, pessoas portadoras do HIV. A atenção de Manoel Carlos não está voltada para grandes questões sociais, como miséria, fome, violência urbana ou corrupção. Elas até apareceram na novela, muitas vezes apoiadas em manchetes de jornais, apesar de não servirem de motor para a trama. É o caso do assassinato do menino João Hélio⁶, que será mais trabalhado adiante. Mas a inclinação narrativa do autor caminha mais para um realismo cotidiano, doméstico, familiar. Daí seus personagens percorrerem todos os cômodos da casa, irem à área de serviço, conversarem com os porteiros, serem conhecidos do atendente da farmácia.

Os temas escolhidos, bem como as situações vividas pelos personagens, foram legitimados por depoimentos reais de pessoas desconhecidas ao final dos capítulos. O depoimento funcionava como uma extensão da narrativa ficcional. Em muitos casos, o depoimento estava diretamente relacionado aos eventos do capítulo do dia. Como exemplo temos o capítulo do dia 27 de setembro, chamado “Renato ignora o perigo”, que começa e termina narrando o caso de traição de Renato (Caco Ciocler). O fotógrafo,

⁶ O assassinato do menino João Hélio, nas ruas do Rio de Janeiro, em fevereiro de 2007, chocou a opinião pública brasileira e internacional pela brutalidade do crime. Dois homens e um menor de idade assaltaram e levaram o carro da família do garoto. A família foi expulsa do veículo durante o assalto, mas João Hélio ficou preso pelo cinto de segurança pelo lado de fora do veículo. Os assaltantes o arrastaram pelas ruas da cidade por, aproximadamente, sete quilômetros.



casado com Livia (Ana Furtado), deixa claro seu interesse pela também fotógrafa Isabel (Viviane Pasmarter), a tal ponto que sua esposa faz comentários maldosos que deixam claro que ela sabe que o marido sente atração pela amiga. Ao final do capítulo, Renato seduz Isabel, beija-a e deixa-a irritada com o fato. O capítulo do dia 27 de setembro é encerrado com o depoimento de uma mulher que conta sobre a traição da qual foi vítima pelo marido infiel. O marido a traiu com uma amiga, que ela havia ajudado a conseguir um emprego na mesma empresa que o marido trabalhava. A moça do depoimento conta uma história real da sua vida, onde foi traída pelo marido com uma amiga ajudada por ela em uma questão de trabalho, exatamente a mesma situação vivida por Livia, cujo marido a traiu com Isabel, sua amiga que ela contratou para fotografar seu casamento.

O capítulo do dia 11 de dezembro de 2007 foi focado no problema da Aids, vivido por um personagem de importância secundária na trama, Gabriel. Intitulado “A dura realidade da Aids”, o capítulo mostrava a chegada de Gabriel na emergência do hospital onde trabalham irmã Lavínia (Letícia Sabatella), que o recebe e Diogo (Marcos Paulo). Lavínia desconfia, pelos sintomas, que o paciente é soropositivo. Gabriel, no entanto, nega a doença. O médico Diogo insiste que ele precisa tratar-se, caso contrário morrerá vítima da síndrome. A conversa com o médico Diogo é a última cena do capítulo, logo depois vem o depoimento real de uma professora de ciências, de 51 anos, portadora da doença. Ela narra sua história de vida, conta como ficou doente e de que forma convive com a doença hoje. Há, em sua fala um tom didático, um tom conselheiro. Inicialmente, tenta alertar sobre os perigos da doença “Me senti muito culpada sim por ter deixado de usar o preservativo. Eu já tinha um relacionamento há mais de dois anos e após uma união estável você acha que não precisa mais usar o preservativo e é aí que nos enganamos”. Depois, encerra sua fala passando coragem e uma visão otimista sobre o convívio com a doença. “Viver com Aids tem seus momentos difíceis? Tem. Já chorei muito? Já. Mas também já sorri muito, já descobri quantas coisas boas a vida pode me trazer apesar de eu estar com Aids”.

Houve ainda depoimentos apresentados que não estavam ligados diretamente a um capítulo específico, mas às situações vividas pelos personagens da novela. O drama da dependência alcoólica vivido pelo personagem Bira (Eduardo Lago) foi diversas vezes relatado nos depoimentos reais ao final dos capítulos. Histórias de afastamento da família, dor, solidão, a dificuldade da sobriedade, humilhação sofrida pela família, a consciência da necessidade de se tratar. Todas as situações são vividas por Bira e reaparecem nas narrativas reais. No capítulo do dia 07 de setembro um homem conta



sua luta contra o alcoolismo. Fala que é alcoólatra, que precisa tratar essa doença e que por conta disso afastou-se dos pais e das irmãs. “Já fiquei cinco dias fora de casa e de repente chega a minha mãe e eu bêbado. (...) Descobri agora que vou ser pai. Quero que minha filha olhe para mim com aquele sorriso e diga ‘poxa esse é meu pai e meu pai faz tudo por mim, porque meu pai é um vencedor’”. O drama do desaparecimento de casa devido ao álcool e uma relação pai e filha abalada pelo vício é justamente o que Bira vive na ficção. Ficção para Bira, vida real para o anônimo que deu seu depoimento.

A dificuldade emocional em torno do nascimento e crescimento de uma criança com Síndrome de Down é abordada tanto na trama principal da história quando nas secundárias. No capítulo do dia 14 de agosto um depoimento real e feliz da mãe de uma criança com a síndrome deixa claro que na vida real, depois do susto pela notícia inesperada da criança ser portadora, a alegria pela presença da criança é muito mais significativa do que ser ela portadora. “Eu agradeço a Deus, sabe? Tem tantas mulheres aí querendo ter filho e não tem e tantas que têm e jogam no lixo e a minha (filha) é uma benção de Deus. Enquanto eu respirar, enquanto eu andar, enquanto eu viver eu faço tudo pela minha filha porque ela é o meu tudo”. Mulheres que querem ter filhos e não tem é a história de Helena. Tantas que “jogam a criança no lixo” é a história de Marta (Lília Cabral), a avó que abandonou Clara, portadora da síndrome. E o discurso de ficar com a criança e fazer tudo por ela já que ela é agora “tudo” é o discurso de Helena ao decidir adotar a pequena Clara.

A mensagem era clara: o que acontece na novela, acontece na vida. Não há limites rígidos nessa separação. Em entrevista ao site oficial da novela “Páginas da Vida”, Manoel Carlos não poderia deixar mais clara sua intenção: “A idéia realmente foi dizer para o público: olha, agora vocês vão ver como a ficção não está assim tão afastada da realidade. Vão ouvir um depoimento, ver e ouvir um depoimento que de uma certa maneira lastreia o que vocês viram de ficcional até agora”.

A idéia do uso de depoimentos ao final dos capítulos veio do diretor, Jayme Monjardim. Depois de alguns dias caminhando pelas ruas e praias do Rio de Janeiro, o diretor teve a idéia de filmar os moradores contando suas histórias de vida, histórias que preenchessem as páginas das vidas de pessoas comuns, “nossa proposta é mostrar que a vida de pessoas reais também pode ser um capítulo de novela” (Istoé, 2006). A idéia foi apresentada a Manoel Carlos, que aprovou a sugestão. A missão foi passada ao jornalista Gustavo Nogueira. Na prática o jornalista conta no site oficial da novela que percorreu a cidade do Rio de Janeiro e observou aquelas pessoas que pareciam ter uma



história de vida para contar. Uma história real que fosse interessante e próxima das situações vividas pelos personagens.

Considerado uma “vitória de formato” pelo autor, os depoimentos estiveram presentes do primeiro ao último capítulo da novela, e como eram exibidos apenas ao fim do capítulo, só iam ao ar a partir das 22 horas, horário permitido pelo Ministério da Justiça. Em entrevista ao site oficial da novela, Manoel Carlos, considera que a idéia “vingou”, “foi bom”, especialmente pela grande repercussão na imprensa e junto ao público. “Vejo, inclusive, pelo número de e-mails que recebo, cartas, pessoas que encontro na rua. Pessoas muito entusiasmadas com o que vêm com aqueles depoimentos, que são reais, são verdadeiros”.

Esta não foi a primeira vez que uma novela usou depoimentos de pessoas na vida real. Dois exemplos podem ser apontados: as novelas “Explode Coração” e “O Clone”, ambas de Glória Perez. No entanto, além dos depoimentos serem utilizados de maneira diferente, a novela de Manoel Carlos não tinha por objetivo principal nenhuma campanha de merchandising social, como as duas anteriores. Não havia um objetivo “nobre” para justificar a presença dos depoimentos na novela, para justificar a entrada do real explícito na narrativa ficcional, apenas demonstravam que as histórias narradas na novela encontram eco nas práticas do dia-a-dia, conectam-se às histórias de vida dos telespectadores anônimos e comuns promovendo um embaralhar natural e uma extensão entre o que é visto na tela e o que é vivido no cotidiano, deixando que as conclusões apontem para o fato de que a separação entre o real e a ficção é mais um processo organizativo da própria TV, mas está distante das hibridizações feitas pelas apropriações do público. Em “Páginas da Vida” pessoas comuns falando de suas vidas – e vidas com páginas escritas próximas das dos personagens – eram apenas a continuação da narrativa, mas uma continuação que versava sobre a vida real e não uma vida fictícia, uma continuação que permitia a diluição de fronteiras que supostamente separam o real e a ficção, não que se passe da realidade à ficção, mas que ambos os âmbitos se articulam juntos na construção de um contexto de sentido feito a partir de contatos e contaminações. Os depoimentos reais, costurados junto às histórias fictícias dos personagens, teceram uma narrativa híbrida, que caminha de um âmbito a outro, sem estranhezas, desconfortos e incoerências.



Mais diluições

Em entrevista cedida ao site oficial da novela “Páginas da Vida”, Manoel Carlos menciona a polêmica em torno de um depoimento logo na primeira semana. Até o momento desconhecida do grande público a babá de 68 anos, Nelly dos Santos, deu um depoimento, exibido ao final do capítulo no dia 15 de julho de 2006, sobre orgasmo feminino. No depoimento, a babá contava que havia chegado ao orgasmo pela primeira vez aos 45 anos, após ter se masturbado ouvindo a música “Côncavo e Convexo”, de Roberto Carlos: “Eu botei a vitrola, que era daquelas antigas, e fui dormir. E simplesmente, gente, quando eu acordei, eu estava com a perna suspensa e a calcinha na mão, e toda babada”. Para apimentar as discussões, o depoimento foi exibido na mesma semana, apenas dois dias depois, da cena de um strip-tease feito por Olívia (Ana Paula Arósio) para o marido Silvio (Edson Celulari) na noite de núpcias, onde a atriz apareceu seminua. A polêmica, ainda na primeira semana de exibição da novela, levou o Ministério da Justiça a alterar a classificação da novela para após as 21 horas. O autor da novela se apressou em dizer que havia cometido um erro de avaliação, que não era intenção criar nenhum tipo de polêmica, ainda mais esta, já que “não traz benefício a ninguém” (O Globo Online, 2006) A Rede Globo publicou nota oficial afirmando que houve um excesso e que a direção da empresa solicitou, a partir daquele momento, que os depoimentos fossem acompanhados de perto pela área de Controle de Qualidade.

A revista *Veja* (2006) considerou o depoimento “escandaloso” e afirmou que feito num “linguajar espantoso”, acabou por criar uma situação desconfortável para emissora, onde uma “imensa parcela dos espectadores ficou chocada”. A revista *Istoé* (2006) também dedicou matéria, menos moralista, ao assunto. Afirmou que provavelmente, na cabeça de Manoel Carlos jamais passou que as cenas mais picantes de “Páginas da Vida” causariam menos “impacto, escândalo e polêmica” do que a vida real. O jornalista, professor e pesquisador Muniz Sodré afirmou que “todo o episódio deixa transparecer o enorme véu de manipulação e hipocrisia que envolve as relações da mídia com seu público cativo”. Rodrigo Pinto, jornalista e editor de cultura do Globo Online, deixou claro que o português ruim e a escolha pelo popular chocaram mais à classe média do que ao povo que assiste à novela. Surpreso, escreveu: “naquele depoimento estava um pouco do que já se vê nas ruas. A novela nunca é mais explícita do que a vida”.

Indo além do mérito da questão no qual se centra o debate, podemos apontar a capacidade de agendamento do debate público promovido pela novela. Há um repertório



documental e ficcional que é compartilhado. Podemos identificar tanto uma ocupação de debates documentais na narrativa ficcional da novela, quando personagens discutem algo que saiu nos jornais, quando falam sobre assuntos que estão nas manchetes, bem como o caminho oposto, quando um determinado assunto é levantado na novela e dali caminha para ser debatido na mídia ou no espaço público real. O autor de “Páginas da Vida” gosta e trabalha questões que considera importantes para serem discutidas pela sociedade, assuntos que se apresentam como uma questão naquele momento para a sociedade, esse é o caso da questão em torno da aceitação de portadores da Síndrome de Down, do alcoolismo e da Aids. Também usa elementos, assuntos, polêmicas reais e insere-os nas conversas dos personagens. Há algo que vai da novela às ruas e algo que faz o sentido oposto e vai das ruas à novela. Trata-se de empréstimo e de doação. Mas esses empréstimos e doações fazem viagens de mão dupla. Algo que foi das ruas para a novela pode ser devolvido para a rua, voltar para a novela, num trânsito entre real e ficcional que vai permear toda a narrativa.

Enquanto esteve no ar, “Páginas da Vida” conseguiu agendar as discussões e debates em torno dos problemas sugeridos na narrativa. O caso do depoimento da babá é um tanto diferente. Funcionou como um agendamento “não intencional”, mas, nem por isso, menos efetivo. Mas houve também a repercussão de assuntos que desde a sinopse o autor já tinha intenção de incentivar a discussão, como é o caso da Síndrome de Down e da Aids. Em entrevista cedida ao site oficial da novela, em 03 de julho, antes da estréia, Manoel Carlos falava como desejava trabalhar a questão da temática social da Síndrome de Down, pela via da inclusão, intolerância e preconceito.

Ora, este foi justamente o modo como a situação de Clara foi abordada na novela e também foi por esta ótica que foi escrita a reportagem de capa da revista *Época* (2006) “Normal é ser diferente: o desafio de inclusão das crianças com síndrome de Down”. Usando a história de vida de Clara, a matéria conta a história da menina Joana – tomando uma pela outra – e deixa claro que a narrativa da novela só apresenta o que já acontece na vida real. Não apenas as discriminações e dificuldades enfrentadas por Helena e Clara, mas as próprias personagens existem fora da ficção: “A Helena criada por Manoel Carlos existe em Belo Horizonte, Minas Gerais. (...) A analista de sistemas Maria Célia Becattini Pereira adotou Pedro. Como ‘Clara’, Pedro tem 7 anos e foi deixado pela avó numa instituição para crianças com paralisia cerebral”. Mais adiante as entrevistadas pela reportagem pinçam exemplos das peripécias de Helena e Clara para valorar, exemplificar, mobilizar opiniões e posições diante da polêmica ao redor da



questão. “Vi na novela (...) o capítulo em que a professora isolou a ‘Clara’. Acho que a escola, na novela, vai ter que acabar demitindo essa professora. O que não dá é a mãe bater boca na escola na frente da criança”. O capítulo a que se refere a entrevista mostra a luta de Helena em conseguir encontrar uma escola regular que aceite a filha Clara. A criança é discriminada pela professora, por ser deficiente, e isso causa revolta em Helena. É então que a personagem passa a procurar escolas inclusivas e a partir daí o assunto passa a ser discutido na novela, mídia e sociedade.

O exemplo ajuda a observar melhor a diluição de fronteiras entre realidade e ficção, onde temas abordados na novela ganharam repercussão social. “Páginas da Vida” nos apresentou também fatos da vida real que entraram na narrativa ficcional da novela. O assassinato do menino João Hélio, por exemplo, esteve presente duas vezes na narrativa. Poucos dias depois do fato, foi ao ar uma cena escrita no dia em que o caso se tornou público. Manoel Carlos colocou as freiras do hospital onde Helena trabalhava para falarem sobre a barbaridade do caso a partir da leitura de uma matéria – real – publicado no jornal O Globo e rezarem em nome do garoto, atualizando, na ficção, o sentido do caso na vida real. A cena foi ao ar no dia 09 de fevereiro, dois dias depois do assassinato. No dia 27 de fevereiro os pais do garoto foram os autores do depoimento que encerrou a novela. Sobre colocar na narrativa a morte de João Hélio, Manoel Carlos afirmou que ficou indignado, como todo mundo, mas resolveu usar a dramaturgia a serviço da sociedade. “Eu uso a novela para dar meu grito contra a violência. São mais de 50 milhões de pessoas ouvindo”. O outro exemplo, refere-se à encenação do assalto e incêndio de um ônibus da empresa Itapemirim, em dezembro de 2006. A cena que, na novela, vitimou fatalmente Angélica (Cláudia Mauro), foi mostrada com forte preocupação de verossimilhança para que ficasse o mais próximo possível do fato real.

Um caso ainda mais interessante aconteceu em “Páginas da Vida”. A atriz Júlia Carrera interpretava Tatiana, a fonoaudióloga de Clara. A atriz, grávida na vida real, foi convidada pelo autor a levar sua gravidez e parto para a novela. Júlia é casada com o ator Bruce Gomlevski que também foi convidado a entrar na história interpretando a ele próprio, mas dessa vez não como marido da atriz Júlia, de quem é casado na vida real, mas com marido da fonoaudióloga Tatiana, interpretada por Júlia, sua esposa. Ou seja, Bruce interpretou a si mesmo e, na novela, era casado com Tatiana que, na vida real, é sua esposa Júlia. A entrada da gravidez da vida real de Júlia, na vida ficcional de Tatiana, tinha como um dos principais objetivos a estimulação do parto normal em detrimento do parto cesariano. A idéia era que o parto normal ao qual se submeteria



Júlia na vida real para o nascimento de Valentina, fosse gravado e as imagens fossem ao ar como se fosse o parto sofrido por Tatiana. As emoções de Bruce sendo Bruce e de Júlia sendo Tatiana, com certeza, seriam reais. O choro de Valentina também.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Ruth de. Normal é ser diferente: o desafio de inclusão das crianças com síndrome de Down. **Época**, Rio de Janeiro, 18 set. 2006. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG75338-5990-435-3,00.html>> Acesso em: 15 jan. 2007.

CARLOS, Manoel. **Entrevista**. 03 jul. 2006. Disponível em: <<http://paginasdavidaglobo.com/Novela/Paginasdavidaglobo/0,,AA1229030-6957-1,00.html>> Acesso em: 15 jan. 2007.

CÔRTEZ, Celina. Polêmicas da Vida: depoimentos reais ao final de cada capítulo de Páginas da Vida causam mais impacto do que nudez das atrizes. **Istoé**, São Paulo, 26 jul. 2006. Disponível em: <http://www.terra.com.br/Istoe/1918/artes/1918_polemicas_da_vida.htm> Acesso em: 12 jan. 2007.

CIMINO, James. Autor de “Páginas da Vida” diz ter compromisso com a realidade. **Folha Online**, São Paulo, 02 jun. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u61018.shtml>> Acesso em: 25 ago. 2006.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado: a sociedade da novela**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LETTIERE, Giovani. Manoel Carlos lamenta depoimento de sábado no fim de “Páginas da Vida”. **O Globo Online**, Rio de Janeiro, 17 jul. 2006. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2006/07/17/284892502.asp>> Acesso em: 10 jan. 2007.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTHE, Marcelo. Exageros da novela das 8 reabrem debate sobre os limites do sexo na TV. **Veja**, Rio de Janeiro, 26 jul. 2006. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/260706/p_090.html> Acesso em: 10 jan. 2007.

MOTTER, Maria Lourdes. **Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela**. São Paulo: Alexa Cultural, 2003.

PINTO, Rodrigo. Depoimento polêmico em *Páginas da Vida* está longe de ser chocante. **O Globo Online**, Rio de Janeiro, 18 jul. 2006. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2006/07/17/284896825.asp>> Acesso em: 10 jan. 2007.

SODRÉ, Muniz. **Babado moral, manipulação e hipocrisia**. 2006. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=392TVQ001>> Acesso em: 10 jan. 2007.